

Acontecimento e Media

CALEIDOSCÓPIO

PERSPECTIVAS ACERCA DO CONCEITO “ACONTECIMENTO”

Introdução

“Era aos mass media que começava a pertencer o monopólio da história. A partir de agora pertence-lhes. Nas nossas sociedades contemporâneas é através deles, e só através deles, que o acontecimento nos toca e não pode evitar-nos”.

Pierre Nora

Durante muito tempo o acontecimento foi um conceito-chave da historiografia e um privilégio do historiador (Nora, 1977: 249), pois era este quem lhe conferia um lugar e um valor na memória, através da sua narrativa¹.

Com o advento da época contemporânea, marcada por grandes mutações políticas, económicas, sociais e grandes avanços técnicos, nomeadamente nos meios de comunicação, os acontecimentos passam para o domínio do imediato, do agora, do sensacional e são transmitidos pelos *media* quase em simultâneo, o que veio alterar a relação entre historiador e acontecimento. Os acontecimentos históricos contemporâneos passam a ser vividos em directo, passando a sua divulgação para a esfera do jornalismo. A narração dos factos, identificada com a história tradicional, deixa de interessar aos académicos, que procuram cada vez mais o “*non-événementiel*”, deixando para o jornalista a história dos acontecimentos. Ao historiador caberá anali-

Célia Maria Taborda da Silva
Universidade Lusófona do Porto

¹ Durante o século XIX, segundo Henri Marrou, o “historiador era então rei, toda a cultura se encontrava suspensa das suas decisões” (Marrou, 1976: 10).

CÉLIA MARIA TABORDA DA SILVA

sá-los, integrando-os em estruturas de longa duração, que lhes ampliará o significado e lhes dará inteligibilidade.

1. O “acontecimento” para a história

A noção de acontecimento para a história foi variando ao longo do tempo e consoante as épocas em estudo: antiguidade, idade média, idade moderna e contemporânea. Até o século XVIII, os acontecimentos históricos eram os que se relacionavam com a vida dos reis e figuras ilustres de cada reinado. No século XIX, há uma mudança com o romantismo e depois com o positivismo, de Augusto Comte. Os primeiros interessaram-se apenas por acontecimentos que exaltavam a individualidade nacional, os segundos, preocupados com o “estabelecimento dos factos”, deram primazia aos acontecimentos políticos, já que eram os mais fáceis de estabelecer, consequentemente atribuíam ao historiador um papel de mero narrador da história, negando-lhe intervenção na análise e explicação dos acontecimentos. Os positivistas faziam verdadeiras montagens de textos em vez de textos históricos, com o objectivo de fazer alinhar a história no campo das ciências exactas.

Porém, em todos estes períodos manteve-se a prerrogativa, para algum facto ser considerado acontecimento histórico tinha que ter existido algures no tempo, uma vez que a história é “uma narrativa de acontecimentos verdadeiros” (Veyne, 2008: 20). A verdade dos acontecimentos leva a que o historiador, muitas vezes, só os possa descrever parcialmente, por falta de vestígios que comprovem a veracidade dos factos.

Logo no início do século XX, a história positivista começa a ser questionada e os historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre iniciam uma luta contra a história factual, que se limitava a narrar os grandes acontecimentos pela superfície, e lançam a revista *Annales D'Histoire Économique et Sociale*, reagindo contra o monopólio da história política e institucional. Esta revista pretendia renovar a problemática da história, as suas fontes e métodos. E revolucionaram de tal forma a historiografia que, a partir de então, se passou a falar de uma Nova História, uma história que visava ser total, o que significa problemática, interdisciplinar e baseada na longa duração². A partir daqui, o “acontecimento” foge aos cânones tradicionais, a atenção dos historiadores desloca-se do extraordinário e singular para o regular e quotidiano, do individual para o colectivo. A história política e institucional, dos reis e das grandes batalhas foi cedendo, paulatinamente, lugar a uma história estrutural, ou seja, uma história em que se valorizam os elementos invariáveis ao longo dos séculos³.

A historiografia sofria, assim, a influência da revolução estruturalista⁴, que remetia para o estudo de fontes seriais (evolução demográfica, flutuações de preços, atitudes perante a morte,

² Pode-se dizer que Marx foi precursor desta Nova História. Ao estabelecer os três estádios na evolução humana, escravagismo, feudalismo e capitalismo, constituiu uma teoria de longa duração.

³ Fernand Braudel caracteriza *estrutura* como “... uma realidade que o tempo demora imenso tempo a desgastar e a transportar” (Braudel, 1972: 165).

PERSPECTIVA ACERCA DO CONCEITO “ACONTECIMENTO

sexualidade, etc.) que dariam ao historiador acesso aos acontecimentos não visíveis. Lucien Febvre, chega a considerar que os acontecimentos não interessam em si, mas somente como elementos de uma série (citado por Pomian, 1978: 536), desta forma era preciso estudar o que mudava lentamente, o que atravessava séculos e parecia quase imutável, as estruturas. Acontece que as sociedades não são imóveis, há elementos dinâmicos ao longo do tempo histórico: as oscilações cíclicas (conjunturas) e os factos ocasionais (acontecimentos), que poderiam não afectar as estruturas, caso de um reinado, mas poderia abalá-las profundamente, se se tratasse de uma revolução, portanto, eram fenómenos a relevar.

Através das estruturas os historiadores reconstroem a história de coisas que ninguém viu, por exemplo: atitudes perante a morte ou flutuações de preços, e fazem-no através de um método indirecto, determinando um conjunto de fontes e submetendo-as a um tratamento que deve reproduzir aquilo que se pretende estudar (Pomian, 1984: 31).

É ainda no século XX que o acontecimento deixa de ser apanágio dos historiadores, pois há uma apropriação dos acontecimentos pelos *mass media* (Nora, 1977: 249), pelo que a história teve que repensar a sua noção de acontecimento, deixando cada vez mais o relato para o jornalismo e preferindo a explicação no tempo.

É certo que mesmo antes do aparecimento massivo dos meios de comunicação, da rádio e da televisão, houve casos de acontecimentos históricos que se tornaram mediáticos, visto que a opinião pública foi directamente alertada para eles, citemos o caso dos *Cahiers de Doléances*⁵ e o regresso de Napoleão da ilha de Elba (Lacouture, 1978: 287-288). Contudo, foi quando o acontecimento passou a ser difundido que ganhou dimensão dentro da opinião pública e chegou até ao povo, levando a Escola dos *Annales* a reagir contra esta “ditadura do acontecimento” e a preferir a história não *événementiel*. Acontecimento passa a ser o que é conhecido (Nora, 1977: 245), uma vez que, com a rádio e, principalmente, a televisão, passou a viver-se acontecimentos históricos em directo. As imagens em directo enredam as pessoas nas situações, dando uma sensação de participação. No entanto, esta nova forma de divulgar os acontecimentos torna-os frios e distantes, apesar de íntimos; logo, as massas vivem a história contemporânea em simultâneo mas com distanciamento.

Também é certo que o acontecimento “natural” das sociedades tradicionais desapareceu (Nora, 1977: 254). O acontecimento que era a ruptura⁶, algo de revolucionário, que poderia por em causa o equilíbrio em que se fundamentavam as sociedades, deixou de existir, sendo substituído por uma série de acontecimentos surpreendentes, pela novidade em relação ao instituído. Como diz Ricoeur: “... num contexto de acção, portanto de interesse, tudo o que ocorre não é acontecimento, mas somente o que surpreende a nossa expectativa, o que é interessante, o que

⁴ O estruturalismo pode ser considerado como uma doutrina ou uma teoria ou, então, como um método de análise. Foi essencialmente como método que a história acolheu o estruturalismo (Mendes, 1989: 166).

⁵ *Cahiers de Doléances* – cadernos de queixas. Documentos mandados elaborar por Luís XVI para serem preenchidos pelas três ordens (clero, nobreza e povo), apresentando as suas queixas contra o que consideravam penoso para a sua condição social, para serem debatidas nos Estados Gerais, que se realizariam no início de Maio de 1789.

⁶ Isto porque nas sociedades tradicionais, a verdadeira percepção do passado consistia em considerar que ele não havia realmente passado, como escreveu Pierre Nora, razão pela qual o acontecimento era o rompimento desse equilíbrio.

CÉLIA MARIA TABORDA DA SILVA

é importante; por isso a ordem das coisas é vista do ponto de vista das nossas preocupações, da nossa inquietação, logo segundo um horizonte de historicidade” (Ricoeur, 1991: 43).

Mas a nova concepção de acontecimento histórico é parente da antiga, ao considerar que para haver acontecimento tem que haver uma descontinuidade, manifesta de forma visível ou invisível, macro ou microscopicamente (Pomian, 1984: 33).

Deste modo, para se atribuir sentido histórico a um acontecimento é preciso elaborar a sua estruturação, como diz Koselleck (1993), o que significa trazer à luz o que não é perceptível no decurso dos acontecimentos pelos sujeitos históricos que os vivenciaram, e isso é válido para qualquer época, mesmo a contemporânea, dando uma visão integrante da história e da humanidade. Uma vez que o historiador não faz emergir o acontecimento, fá-lo depois regressar com outro significado.

2. Os “acontecimentos” jornalísticos

Para o jornalismo a noção de acontecimento também não é simplista, pois, por vezes, designa “todos os factos que se produzem no mundo”, enquanto outras só engloba os “factos que saem da normalidade” (Mesquita, 2003: 29). No entanto, parece ser consensual, que é acontecimento aquilo que irrompe de forma imprevisível nos contextos de acção quotidiana⁷. Ou como refere Paul Ricoeur tudo que é novidade por referência à ordem estabelecida (1991: 43). Portanto, tudo o que surpreende e prende a atenção colectiva torna-se acontecimento e a sua relevância para o discurso jornalístico advém da sua previsibilidade, quanto mais improvável um facto for mais depressa adquire o estatuto de acontecimento jornalístico (Rodrigues, 1999: 27). Deste modo, um acontecimento pode ser o insólito, o extraordinário, o catastrófico, a guerra, a violência, a morte, a celebridade, enfim, tudo o que numa “cultura pública” interessa ser publicitado pelos *media*. Mas que factos atraem a comunicação social?

O acontecimento que se tornará notícia depende do período histórico em questão e pode variar ao longo dos tempos em função das empresas jornalísticas e da sua política redactorial, porquanto os valores-notícia (matéria noticiável) não são imutáveis (Traquina, 2007: 203), embora os valores-notícia básicos tenham variado pouco (Traquina, 2007: 173), como se pode verificar analisando as notícias das primeiras décadas do século XVII, dos anos 30-40 do século XIX, e dos anos 70 do século XX. O que foi notícia nestes três períodos foi o inesperado, o que provocou espanto, como milagres, catástrofes naturais, guerras e acções de pessoas importantes (Traquina, 2007: 173-178). Uma coisa, porém, é certa, as notícias estão inseridas historicamente, e só é notícia um acontecimento que possa ser compreendido pelos contemporâneos do mesmo (Traquina, 2007: 203), para isso eles tem que estar enquadrados dentro de um quadro cultural, político ou social perceptível pelo público consumidor dessas notícias. Mas den-

⁷ Como refere Isabel Babo-Lança: “Aquilo que é improvável, inesperado e que nos surpreende” (Babo-Lança, 2006: 63). Ou Adriano Duarte Rodrigues: “Aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de factos virtuais” (Rodrigues, 1999: 27).

PERSPECTIVA ACERCA DO CONCEITO "ACONTECIMENTO

tro deste vasto universo só será notícia um conjunto restrito de factos, aqueles que se tornaram notáveis, dignos de serem registados na memória. E, os factos, segundo Adriano Duarte Rodrigues, podem-se tornar em registos de notabilidade pelo "excesso, falha ou inversão". É registo de: "excesso", um juiz que aplica a pena máxima prevista no Código Penal sem atender às atenuantes; de "falha", a garrafa de *Champagne* que não se parte contra o casco do navio no momento de ser lançado ao oceano; de "inversão", um homem a morder um cão (Rodrigues, 1999: 28).

Os acontecimentos jornalísticos são tipificados consoante o seu valor-notícia. A socióloga americana Gaye Tuchman releva os acontecimentos não programados, que são aqueles que aparecem subitamente e que devem ser processados rapidamente e os acontecimentos programados, são as chamadas "estórias" diárias, que são acontecimentos noticiosos em continuação, pré-anunciados. Existem ainda os mega-acontecimentos, são aqueles não programados e completamente imprevistos, ao ponto de alterarem a rotina da redacção, interrompendo a programação normal. A título de exemplo pode citar-se a morte da princesa Diana ou os ataques de 11 de Setembro (citado por Traquina, 2002: 205-206).

Existe ainda um outro tipo de acontecimento que pode ser considerado jornalístico, mesmo que existisse sem o relato dos *media*, são os acontecimentos mediáticos. Isto é, aqueles que suscitam grande atenção dos meios de comunicação mas que não são organizados por eles, apenas tem a sua cobertura, como uma conferência de imprensa do Presidente dos EUA, um funeral de Estado, uma viagem papal ou os Jogos Olímpicos (Katz, 1999: 53). Estes acontecimentos são transmitidos em directo, o que significa que a "estória" tem de ser contada enquanto se está a desenrolar, havendo necessariamente que fazer escolhas acerca do que é importante no acontecimento, pois, não obstante eles serem programados há sempre a hipótese de haver surpresas.

3. "Acontecimento" jornalístico *versus* histórico

Pode-se dizer que a diferença essencial é que o acontecimento jornalístico baseia-se em "estórias" e o histórico em histórias.

As "estórias" jornalísticas reproduzem a realidade em função do factor cultural, dando-lhe um enquadramento. Os jornalistas recriam as "estórias" a partir de acontecimentos da realidade, mas não a realidade, porque "quanto mais objectivos forem, mais ilegíveis se tornam, e quanto melhores contadores de 'estórias' forem, melhor resposta terão dos seus leitores" (citado por Traquina, 1999: 252-253). Mas como afirma Gaye Tuchman dizer que "a notícia é uma 'estória' não é de modo nenhum rebaixar a notícia, nem acusá-la de ser fictícia" (citado por Traquina, 1999: 251). Desta forma, o conhecimento que fornecem as notícias é fragmentado, não existindo ligações entre os acontecimentos, sendo estes vistos como factos desconexos (Traquina, 1999: 256), não provocando que emoções passageiras.

O contrário se passa com o acontecimento histórico. As histórias que se contam são as efectivamente vividas, ainda que sejam duras e cruéis. Ao historiador interessa a realidade⁸, que

CÉLIA MARIA TABORDA DA SILVA

tenta apreender de forma global, daí o seu interesse por períodos longos (*la longue durée*, de Fernand Braudel), onde, obviamente, se integram os acontecimentos, mas inseridos num todo, enquadrados, interligados e explicativos.

Por conseguinte, o acontecimento jornalístico pauta-se pelo sensacional, enquanto o da história pelo banal, pelo que se repete, o que leva a que o primeiro se interesse pelos factos do agora e o segundo pelas acções dos homens no tempo⁹, mas logrando o entendimento do homem na sua realidade actual. Daí o constante “regresso do acontecimento”, pois acontecimentos que no presente se impõe sem discussão, devido à rapidez com que tudo acontece na época contemporânea, voltam mais tarde à ribalta pela mão do historiador.

Este foco no presente que tem o acontecimento jornalístico leva a que o seu discurso seja de actualidade, com a permanente acentuação do presente, do hoje, desvalorizando o passado e até antecipando o futuro. Um presente que, para André Vitalis, é “ofegante”, “fabricado”, “sobrecarregado”, porque o “acontecimento caça o acontecimento e onde a informação dada é relevante apenas durante um curto lapso de tempo” (Vitalis, 2005: 13). Está-se sempre à espera de novos acontecimentos, pois a boa informação é a que está para chegar, havendo uma avalanche de acontecimentos que satura a realidade de “eventos presentes”. Daí que o acontecimento jornalístico seja transmitido sob o signo do imediatismo, da pressa, como simples decorrência do presente. Esta ligeireza na informação, para Jacques Le Goff, contém cada vez mais perigos para a constituição da memória, consequentemente para a história, pois a memória é uma das suas bases (Le Goff, 2000: 134). Assim, a forma de transmitir os acontecimentos no jornalismo também está em oposição à história, em que tudo é pesquisado, problematizado e explicado o mais exaustivamente possível. Este esmiuçar das questões reflecte-se no texto escrito, que está repleto de notas de rodapé, remetendo para as fontes, o mesmo já não acontece num texto jornalístico (Proust, 1996: 263).

No entanto, há um aspecto que têm em comum: tanto o acontecimento jornalístico como o histórico são recriações de factos, são construções. Para ser acontecimento tem que ter sido presenciado e por mais que um indivíduo, mas nem sempre os sujeitos que os perceberam são os seus divulgadores. Geralmente quem divulga não viveu os acontecimentos e, então, vai reconstruí-los, é o caso dos acontecimentos históricos¹⁰ e da maioria dos acontecimentos jornalísticos. A diferença entre os dois está na lógica da reconstrução. Enquanto para os *media* a reconstrução é imediata, uma vez que acontecimento e interpretação são dados simultaneamente, levando à superficialidade da explicação, na história há uma interpretação documentada, mais aprofundada e fundamentada. Nos dois casos, porém, há uma apreensão selectiva, já que o sujeito que vê, não capta o total do acontecimento mas aquilo que mais lhe chamou a atenção. A historiografia tenta colmatar esta lacuna através da análise de todos os vestígios visíveis, documentais e materiais.

⁸ Segundo Antoine Proust os historiadores conservam o culto da exactidão e de uma informação completa (Proust, 1996: 285)

⁹ Marc Bloch define a História como a ciência dos homens no tempo, afastando completamente a ideia de que a história é a ciência do passado (Bloch, 1965: 24-30).

¹⁰ Estes acontecimentos são reconstruídos a partir das fontes documentais (Pomian, 1984: 22).

PERSPECTIVA ACERCA DO CONCEITO "ACONTECIMENTO

Assim sendo, o objectivo do acontecimento jornalístico também difere do histórico, para o primeiro interessa o visível dos factos e para a história o invisível. É claro que na contemporaneidade, num tempo onde se vive depressa, o que interessa às massas é o acontecimento jornalístico, pois o que tem importância para o homem comum saber é, exemplificando, que o preço do pão aumentou, agora, se esse aumento se insere num *trend* de alta de preços, é-lhes irrelevante, as explicações profundas só interessam aos especialistas.

No acontecimento jornalístico o público pode, através dos meios de comunicação, estar "presente" no evento (Schlesinger, 1999: 181), visto que se assiste ao desenrolar das cenas ao mesmo tempo que acontecem e mesmo quando as "estórias diárias" são concebidas com meses de antecendência (idem: 185), o público tem a sensação de novidade, ainda que se recontem a mesma "estória de ano para ano. Robert Darnton contou que enquanto era repórter de polícia, um dia, em que procurava uma 'boa estória', descobriu que tinham roubado uma bicicleta a uma criança. Ele publicou, então, uma 'estória' comovedora, e descobriu posteriormente que, basicamente, a mesma 'estória' saíra alguns anos antes no mesmo jornal em que trabalhava" (citado por Tuchman, 1999: 258). Esta repetição não aconteceria com um acontecimento histórico, que é único e irreversível.

A profusão de acontecimentos leva à sua banalização, eles deixam de ter aquele impacto junto das audiências, são desvalorizados. Contrariamente, os acontecimentos históricos, principalmente os das sociedades tradicionais, por serem poucos, são sobrevalorizados. Durante muito tempo ver um filme da Grande Guerra causava uma grande comoção, o que já não acontece hoje em dia, atendendo a que se assiste a guerras em directo.

Agora, tanto os relatos de acontecimentos jornalísticos como históricos desempenham um papel social. Os *media* seleccionam os acontecimentos mais significativos que estão a ter lugar num dado tempo e momento, já que estes ocorrem fora da experiência directa de grande parte da sociedade, mas também dão interpretações poderosas acerca da forma de compreender esses factos, o que significa que podem contribuir para modelar comportamentos, especialmente em relação aos acontecimentos problemáticos (Hall, Jefferson, Clark e Roberts, 1999: 228). O papel social da história é dar exemplos e apontar caminhos, principalmente na actualidade, devido à aceleração histórica, pela prodigalidade de acontecimentos. Num mundo instável em que vivemos, em que a memória é sobretudo a do tempo presente, a humanidade precisa cada vez mais de conhecer as suas raízes, os seus alicerces, para não temer o futuro. Esta busca pela memória nacional começou de forma intensa após a II Guerra Mundial, tendo a história sido confrontada com o desafio de responder aos anseios dos povos, das nações, dos Estados, pois esperavam que "ela, mais do que uma mestra da vida, mais do que um espelho da sua idiossincrasia, seja um elemento essencial da identidade individual e colectiva" (Le Goff, 2000: 130). Os próprios estadistas actuais começam a aperceber-se desta realidade e tentam devolver a esperança aos povos através da recuperação da identidade nacional. Observe-se o que fez Barack Obama, aquando da campanha presidencial, foi buscar à história dos EUA os exemplos que necessitava para devolver a confiança aos americanos, num período de crise. Sim, eles conseguiram ser independentes de Inglaterra, ser uma democracia, sair da grande depressão de 1929,

CÉLIA MARIA TABORDA DA SILVA

etc., etc., por conseguinte, era só seguir os passos dos ancestrais e enfrentar corajosamente os desafios deste tempo.

O conhecimento da história dá aos cidadãos os utensílios intelectuais necessários para serem activos e responsáveis socialmente, aceitando as mudanças que ocorrem na sociedade e contribuindo para a ordem.

A história não tem as soluções mas ajuda a encontrar as respostas. E num século em que os jovens vivem “numa espécie de presente contínuo”, como afirmou Eric Hobsbawm, o papel dos historiadores, que é “lembrar o que outros esquecem”, torna-se mais importante do que nunca (Hobsbawm, 1995: 13).

Conclusão

Para a história, os acontecimentos interessam enquanto inseridos em estruturas, que permitem problematizar e compreender, atendendo a diversos aspectos da vida social: a economia, a política, a sociedade, a mentalidade e a cultura.

Para o jornalismo, os acontecimentos funcionam como objectos que permitem chamar a atenção pública, razão pela qual são publicitados, muitas vezes, segundo a lógica da persuasão e do espectáculo.

Contudo, o papel de historiadores e jornalistas, como reveladores de acontecimentos, é de real importância, pois eles conferem significado àquilo sobre o que escrevem, ainda que não o façam deliberadamente e, dessa maneira, estão constantemente a influenciar a opinião pública.

Bibliografia

- BABO-LANÇA, Isabel (2006). *A configuração dos acontecimentos públicos*, Coimbra: Minerva Coimbra.
- BLOCH, Marc (1965). *Introdução à História*, Lisboa: Europa-América.
- BOIS, Guy (1978). “Marxisme et Histoire Nouvelle”, in LE GOFF, Jacques (org.), *La Nouvelle Histoire*. Paris: Retz.
- BRAUDEL, Fernand (1972). *História e Ciências Sociais*, Lisboa: Presença.
- HALL, Stuart; CHRITCHER, Chas; CLARKE, John; ROBERTS, Brian (1999). “A produção social das notícias: o mugging nos media”, in TRAQUINA, Nelson (org.), *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*. Lisboa: Vega.
- HOBBSAWM, Eric (1995). *Era dos Extremos. O breve século XX, 1914-1991*, Lisboa: Companhia das Letras.
- KATZ, Elihu (1999). “Os acontecimentos mediáticos: o sentido de ocasião”, in TRAQUINA, Nelson (org.), *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*. Lisboa: Vega.
- KOSELLECK, R. (1993). *Futuro passado: para uma semântica de los tiempos históricos*. Barcelona: Paidós.
- LACOUTURE, Jean (1978). “L’Histoire immédiate”, in LE GOFF, Jacques (org.), *La Nouvelle Histoire*. Paris: Retz.
- LE GOFF, Jacques (1978). “L’Histoire Nouvelle”, in LE GOFF, Jacques (org.), *La Nouvelle Histoire*. Paris: Retz.
- LE GOFF, Jacques (2000). *História e Memória*, 1.º vol., Lisboa: Edições 70.
- MARROU, Henri (1976). *Do Conhecimento Histórico*, Lisboa: Editorial Aster.
- MENDES, José M. (1989). *A História como Ciência*, Coimbra: Coimbra Editora.
- MESQUITA, Mário (2003). *O Quarto Equívoco. O poder dos Media na Sociedade Contemporânea*, Coimbra: Minerva Coimbra.

PERSPECTIVA ACERCA DO CONCEITO "ACONTECIMENTO

- NORA, Pierre (1977). "O regresso do acontecimento", in LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (org.), *Fazer História 1*, Lisboa: Bertrand.
- POMIAN, Krzysztof (1978). "L'Histoire des Structures", in LE GOFF, Jacques (org.), *La Nouvelle Histoire*, Paris: Retz.
- POMIAN, Krzysztof (1984). *L'ordre du temps*. Paris: Gallimard.
- PROST, Antoine (1996). *Douze leçons sur l'histoire*, Paris: Éditions du Seuil.
- RICOEUR, Paul (1991). "Événement et sens", *Raisons pratiques 2*. Paris: Ed. de l'EHESS, pp 41-56.
- RODRIGUES, Adriano Duarte (1999). "O acontecimento", in TRAQUINA, Nelson (org.), *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"*. Lisboa: Vega.
- SCHLESINGER, Philip (1999). "Os jornalistas e a sua máquina do tempo", in TRAQUINA, Nelson (org.), *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"*. Lisboa: Vega.
- TRAQUINA, Nelson (2002). *Jornalismo*. Lisboa: Quimera.
- TUCHMAN, Gaye (1999). "Contando 'estórias'", in TRAQUINA, Nelson (org.), *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"*. Lisboa: Vega.
- VEYNE, Paul (2008). *Como se escreve a História*. Lisboa: Ed.70.
- VITALIS, André; DOMENGET, Jean Claude; TURCIN, Karine (2005). *Temporalités médiatiques et vies quotidiennes*. Université de Bordeaux 3: Centre d'Études des Médias, de l'Information et de la Communication.